

“Madame Pommery”: a prostituição das polacas no Brasil

Taynara Mirelle do Nascimento de ARAÚJO¹

Resumo: No fim do século XIX e início do XX, o caráter da exploração sexual e das migrações no Brasil sofre muitas alterações, por dois grandes motivos que se entrecruzam: o período da *Belle Époque* e o tráfico de mulheres oriundas do Leste Europeu. Este trabalho tem como objetivo analisar, através do romance *Madame Pommery*, de 1920, de Hilário Tácito, como se deu a exploração sexual e o tráfico das “polacas” no período. Essa análise se dará a partir de alguns questionamentos e reflexões sobre o “tráfico de escravas brancas”, a relação entre os ideais da *Belle Époque* e o surgimento da prostituição de luxo, e o combate ao lenocínio. Sendo essas reflexões embasadas na análise de fontes e em ampla bibliografia, como trabalhos de Margareth Rago, Michelle Perrot, Rachel Soihet e Regiane Boainain.

Palavras-Chave: Tráfico de Pessoas; Exploração Sexual; Belle Époque.

Résumé: Dans la fin du XIXe siècle et au début du XXe siècles, le caractère de l'exploitation sexuelle et de la migration au Brésil subit de nombreux changements, pour deux raisons principales qui se croisent : la période de la Belle Époque et la traite des femmes d'Europe de l'Est. Ce travail vise à analyser, à travers le roman *Madame Pommery*, 1920, Hilário Tacite, comment était l'exploitation sexuelle et la traite des «polonais» dans la période. Cette analyse se fera à partir des questions et des réflexions sur la «traite des blanches esclavage», la relation entre les idéaux de la Belle Époque et l'apparition de la prostitution de luxe, et la lutte contre le proxénétisme. Et ces réflexions basées dans l'analyse des sources et bibliographie extensive, avec des œuvres de Margareth Rago, Michelle Perrot, Rachel Soihet et Regiane Boainain.

Mots-Clefs: La traite des personnes; Exploitation sexuelle; Belle Époque.

Introdução

As mulheres oriundas de regiões muito pobres do leste europeu que eram traficadas para o Novo Mundo, por organizações criminosas que agiam em diversos países, geravam um fascínio nos homens de famílias abastadas da *Belle Époque*, já que nesse período a elite brasileira era muito influenciada pela cultura europeia. Então, essa elite agrária via, nesse tipo de prostituição, a oportunidade de seus filhos aprenderem um pouco mais sobre o modo de vida europeu, entendido como “civilizado”. Portanto, essas mulheres eram vistas como elemento civilizador, que iria ajudar no processo de embranquecimento e sofisticação da sociedade brasileira, contribuindo esse fator para o surgimento da prostituição de luxo no país, a qual trazia muitos lucros para essas organizações internacionais.

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza – CE. Correio eletrônico: taynara.mirelle.araujo@gmail.com.

Portanto, para tentar compreender esse complexo sistema de redes de tráfico de mulheres e sua relação com o imaginário social brasileiro no período da *Belle Époque* (1890-1930), faz-se necessária uma primeira reflexão sobre gênero, história das mulheres e exploração sexual, para depois poder-se adentrar melhor na análise do tráfico das “polacas” e do combate ao rufianismo, utilizando a literatura do período como fonte principal.

Reflexões sobre Gênero e História das Mulheres

A noção de gênero deve ser compreendida como a construção social das categorias de masculino e feminino, por meio de discursos e práticas. Já a história social das mulheres pode ser entendida como uma tentativa de superar a penúria de fatos sobre sua vida, ampliando os limites de nossa memória do passado.

Entendendo que a relação entre os sexos não é neutra, assim também não são as fontes históricas cujas representações são repletas de relações de poder e de papéis sociais sexualmente distintos. Porém, como afirma Michelle Perrot, a análise dessas fontes é “uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios” (PERROT, 2007, p. 21).

Então, diante do domínio e da subjugação das mulheres em diversos períodos e sociedades, faz-se necessária a análise e reflexão sobre sua história, sobre os vestígios de sua resistência, na maior parte das vezes, subterrânea, secreta, simbólica, de seu discurso oculto e também dos seus embates declarados, de suas conquistas, de seu modo de viver em sociedade. Por isso Carla Pinsky, no prefácio de *Minha História das Mulheres* de Michelle Perrot, afirma que:

O momento agora é de fazer com que um público mais amplo tenha acesso as descobertas dos historiadores. A história precisa sair das universidades e ganhar as ruas. A história das mulheres deve ser discutida nos salões de beleza, nos almoços de família, nas mesas de bar, nos ambientes de trabalho; deve estar presente nas escolas, nas TV's e rádios brasileiras, no judiciário e no legislativo, assim como na elaboração de políticas públicas. (PERROT, 2007, p. 11).

Reflexões sobre Exploração Sexual e Tráfico de Pessoas

Primeiramente, faz-se necessária a explicação de alguns termos que serão utilizados no trabalho. Conceituando *prostituição*, *exploração sexual* e *tráfico de pessoas*, as pesquisadoras Priscila Nottingham e Helena Frota afirmam:

Por prostituição consideramos a atividade exercida por mulher adulta e consciente, que desempenha a função de forma voluntária e autônoma. Já a exploração sexual é considerada atividade que mantém uma mulher na prostituição contra a sua vontade ou tendo que dividir com seus ganhos com terceiros, sendo esses últimos evidenciados nas figuras do cafetão e/ou da cafetina. Por fim, o tráfico de mulheres é evidenciado como aquele que prevê o aliciamento, transporte e exploração das vítimas no destino final. (FROTA; NOTTINGHAM, 2012, p. 03).

No século XIX, a prostituição era tratada pelo saber médico e jurídico como uma doença, uma perversão, um desvio social, a partir do viés dos regulacionistas. Os regulacionistas queriam uma regulação da prostituição por meio de um sistema estatal de bordéis que se localizariam somente em bairros específicos. Essa corrente considerava as mulheres prostituídas como responsáveis pela proliferação de doenças, assim como pela transgressão dos bons costumes da sociedade. Essa corrente elaborou os Atos de Doenças Contagiosas na Grã-Bretanha na metade do século XIX, os quais procuravam implementar controle ginecológico obrigatório para as mulheres prostituídas, já que entendiam que seus corpos eram fontes originárias de doenças. Em resposta a esses Atos, surge o movimento abolicionista, que considera essas leis discriminatórias para as mulheres, por tratar os corpos das mulheres prostituídas como contagiosos, enquanto protege os clientes. Esse movimento luta não só pelo fim desses Atos, mas principalmente pelo fim da prostituição e do tráfico de escravas brancas. É com as abolicionistas que surge esse termo “tráfico de escravas brancas”, o qual gera no período um pânico social por conta da possível ameaça da civilização branca tida como superior. Gera-se, então, uma separação entre a figura da prostituta — mulher imoral e devassa — e da mulher traficada — jovem, ingênua e inocente.

As adjetivações negativas só eram direcionadas às mulheres prostituídas, a figura do cliente não era questionada pela sociedade. Tinha-se uma contradição estrutural muito clara quanto ao pensamento

moralista do período, pois se, por um lado, a prostituição era vista como um atentado à civilização, por outro, era tida como um mal necessário, já que servia como alívio para os instintos masculinos irrefreáveis, sustentando assim a honra das moças da elite.

Havia muitas discussões entre as feministas a respeito da prostituição nos debates em que, por um lado, a mulher prostituída era vista como a oprimida pela sociedade patriarcal e, por outro lado, vista como uma agente subversiva no interior dessa ordem social desigual. As primeiras compreendiam que essa sexualidade era usada para objetificar o corpo feminino. Já as outras compreendiam a sexualidade como uma oportunidade para as mulheres se libertarem do domínio dos homens.

É importante salientar que, muitas vezes, esse discurso de direito ao corpo foi utilizado por organizações criminosas e pela indústria do sexo para justificar a exploração sexual a que muitas mulheres foram e ainda são submetidas. Por isso, é sempre importante analisar os discursos “a contrapelo”, pois nesse caso um discurso dito de liberdade para as mulheres acaba gerando mais amarras.

Já de acordo com a Teoria do Contrato, tem-se a ideia de que o corpo e o ser da prostituta não são oferecidos no mercado capitalista, ou seja, de que ela pode contratar o uso dos seus serviços sexuais sem danos para si. Os contratualistas afirmam, assim, que não existe diferença entre a prostituta e outro trabalhador qualquer. Porém não é dessa forma que pensam muitos pesquisadores e ativistas, pois os serviços de uma prostituta não podem ser prestados a não ser que ela esteja presente. A exploração sexual é uma forma clara da sociedade patriarcal de subjugação das mulheres, já que os homens têm acesso garantido e muitas vezes irrestrito aos seus corpos, não lhes cabendo nenhuma punição moral na maioria dos casos. A respeito dessa forma cruel de exploração, Perrot afirma:

Mas motivada, na maior parte do tempo, pela miséria, pela solidão, a prostituição é acompanhada de uma exploração, ou mesmo de uma super-exploração, do corpo e do sexo das mulheres. (PERROT, 2007, p.77).

Não se dá para refletir sobre a exploração sexual apenas como mais uma forma de trabalho nesse sistema capitalista, pois ela afeta as mulheres muitas vezes de formas irreversíveis, como afirmam Diniz e Queiroz:

A dissociação entre sexo e prazer representa uma forma de violência psicológica, no anseio de separar mentes e corpos. Para lidar com a adversidade da prática prostitucional, muitas se destituem de sentimentos e emoções, que comprometem as relações afetivas fora da prostituição, trazendo, portanto, implicações nas dimensões subjetivas da sexualidade. (DINIZ; QUEIROZ, 2008, p. 14).

É importante deixar claro, como posicionamento nesse debate, que “argumentar que há algo de errado com a prostituição não implica necessariamente um julgamento desfavorável das mulheres que fazem esse trabalho”, pois “quando os socialistas criticam o capitalismo e o contrato de trabalho, eles não o fazem porque desprezam os trabalhadores, mas porque eles são os defensores dos trabalhadores” (PATEMAN, 1993, p. 285).

Madame Pommery

O romance *Madame Pommery*, de José Maria de Toledo Malta sob o pseudônimo de Hilário Tácito, pode ser entendido como aquele que provoca o riso subentendido e foi publicado pela editora Revista do Brasil, de Monteiro Lobato, que foi um grande amigo do autor, em 1920. A segunda edição ocorreu em 1922 pela Monteiro Lobato & Cia. A terceira edição foi publicada pela Academia Paulista de Letras em 1977. E a quarta edição foi publicada em 1922 pela editora UNICAMP, como parte de um projeto de estudo sobre o Pré-Modernismo. *Madame Pommery* não alcançou grande espaço ou atenção por parte da crítica no período, porém foi muito bem aceito pelo público, alcançando, nas duas primeiras edições, a tiragem de 3.000 exemplares.

Segundo Luis Ribeiro,

o autor consubstancia em si ideias, valores, opções, crenças, linguagens, visões de mundo que pertencem à sua sociedade a ao seu tempo. E é com elas que irá trabalhar a construção dos seus textos. É com elas que emprestará significações para suas obras. (RIBEIRO, 2000, p. 03).

Por isso a importância de se conhecer minimamente a história de vida, o período e a sociedade em que viveu e o pensamento do escritor. O seu autor, José Maria de Toledo Malta, nasceu em 1885, em São Paulo, portanto viveu o período da *Belle Époque*, o qual sua obra tenta retratar. Foi um renomado engenheiro civil e escritor.

Escreveu vários livros sobre engenharia e esse único romance satírico. Ele possuía uma vasta cultura humanística, foi um aplicado leitor dos escritores franceses, principalmente de Montaigne, cuja obra traduziu parcialmente. Traduziu textos de Horácio e de Lucrécio do latim e conviveu também com grandes escritores do Pré-modernismo brasileiro.

A obra é uma narrativa sobre a vida de Ida Pomerikowsky, a futura Madame Pommery. Ida, nascida em Córdoba, é filha de um domador de feras, um judeu polonês, e de uma noviça espanhola, Ida Pomerikowsky, esta fugiu, quando Ida ainda era criança, com um toureiro espanhol. A personagem tem sua virgindade vendida pelo pai por nove mil coroas, que, afinal de contas, vão parar nas suas mãos. Então, ela foge com o dinheiro e vai se prostituir em vários países para viver. Em Marselha, conhece um marujo que lhe fala das oportunidades na América e ela vem com ele para o Brasil, com o sonho de “fazer à América”, ou seja, de enriquecer, de melhorar sua condição de vida. Chegando em São Paulo, pega um empréstimo com um coronel, cliente seu, e monta um prostíbulo de luxo, frequentado por boêmios e por ricos coronéis que procuravam se “civilizar” nesses ambientes modernos. De posse de uma grande fortuna, Madame Pommery resolve vender o prostíbulo e casar-se para adentrar realmente na aristocracia dessa sociedade com uma moral tão hipócrita.

A personagem principal do romance, Madame Pommery, foi criada através de uma associação da personagem Madame Bovary com a francesa Madame Pompadour. Madame Bovary é uma obra francesa de 1857, na qual Flaubert, seu autor, por meio da trama de adultério e morte da personagem principal, Emma Bovary, passa em revista a hipocrisia da sociedade francesa de meados do século XVII. Já Madame Pompadour foi uma das mulheres mais extraordinárias, cultas e influentes do século XVIII. Amante do rei Luís XV da França, influenciou politicamente as decisões reais, ela se tornou uma empreendedora, incentivando a fundação da fábrica de porcelanas de Sevres. Então a personagem de Malta pode ser entendida como uma caricatura de suas antecessoras francesas. Malta, por meio da ironia exalta em sua obra a prostituta, coloca-a como alguém venerável, para mostrar a hipocrisia da sociedade, já que esta tem preconceito com aquilo que ela própria financia.

Tácito pretende com essa sátira denunciar as mazelas e os moralismos falsos dessa sociedade paulista em transformação. Como todo autor pré-modernista que se preze, Tácito analisa os tipos sociais urbanos, denunciando a existência de dois Brasis, múltiplos em suas riquezas e composições, como afirma Boainain:

Botocúndia é um nome fictício com o qual Monteiro Lobato batizou o Brasil, alertando para os aspectos retrógados e subdesenvolvidos que ele tanto se empenhou em combater. No decorrer da narrativa, Tácito também crítica essa sociedade botocunda, preconceituosa e presa ao moralismo provinciano. São as mazelas dessa sociedade que vai denunciar em sua obra. (BOAINAIN, 2008, p. 57).

Nesse romance, Malta conseguiu captar as mudanças que se registravam nas formas de consumo do prazer em São Paulo, capital, no início do século XX, como o autor mesmo escreve em sua dedicatória:

[...] obra necessária ao perfeito entendimento de muitos fatos particulares, assim políticos como sociais, que resultariam sem ela de impenetrável obscuridade para o futuro historiador; e por isso, dedicada ao Instituto Histórico e Geográfico, à Academia Paulista de Letras, à Sociedade Eugênica e mais associações pensantes de São Paulo. (TÁCITO, 1998, p. 9).

Esse romance não se enquadra em um subgênero literário específico, apresenta uma forma literária híbrida de crônica de costumes, ensaio e sátira. Ele apela aos temas imorais para realçar os aspectos da falsa moral burguesa, por meio da tradição francesa da sátira dos costumes. Ele antecipa o projeto antropofágico dos modernistas, ao misturar o popular e erudito e as diversas formas orais de expressão que caracterizam o universo linguístico da *Belle Époque*. Segundo Boainain:

[...] a modernidade de Tácito reside no fato de que ele consegue manipular o discurso de forma a obter, a partir da intertextualidade, da digressão, do riso, da sátira e da ironia, uma concepção literária coerente com as transformações pelas quais São Paulo passou nas primeiras décadas do século XX. (BOAINAIN, 2008, p. 72).

O autor zomba do cientificismo que é uma herança do Realismo e do Naturalismo. Vê-se, então, nessas características, a influência da erudição de Toledo Malta, do seu círculo de convívio, da sua vivência com esse período.

Belle Époque

A obra *Madame Pommery* foi feita e divulgada durante o acelerado processo de industrialização e de surto imigratório em São Paulo. Essas mudanças eram ocasionadas pelo café que fundava cidades e fazia desfilar coronéis endinheirados, dispostos a gastar suas fortunas na cidade de São Paulo com os prazeres da noite. No período da *Belle Époque*, a elite brasileira queria se igualar aos europeus e para isso abraçavam os ideais da vida cosmopolita, substituindo elementos tradicionais por elementos culturais vindos, principalmente, da França. Como afirma a historiadora Rachel Soihet:

Durante a *Belle Époque* (1890-1920), com a plena instauração da ordem burguesa, a modernização e a higienização do país despontaram como lema dos grupos ascendentes, que se preocupavam em transformar suas capitais em metrópoles com hábitos civilizados, similares ao modelo parisiense [...] O que fica claro é o empenho das autoridades em impedir a presença de populares em certos locais, no esforço de afrancesar a cidade para o desfrute das camadas mais elevadas da população e para dar mostras de "civilização" aos capitais e homens estrangeiros que pretendiam atrair. (SOIHET, 1997, p. 362, 366).

O termo francês *belle époque* foi cunhado para traduzir a euforia europeia decorrente das transformações urbana, política e econômica ocasionadas pela revolução científico-tecnológica de meados do século XIX. A *Belle Époque* foi um período de grandes transformações estruturais nas cidades, estas eram reformadas e embelezadas para se parecerem mais com Paris, porém isso acarretava uma série de problemas para a população, já que esta era sempre a que mais sofria com as mudanças, com as construções de grandes avenidas que provocavam grandes retiradas de populares e comerciantes de suas casas e estabelecimentos, o que é retratado no romance:

O Paradis Retrouvé estava instalado em situação que o expunha diretamente às ameaças da picareta municipal, que andava demolindo a torto e a direito casas e quarteirões inteiros, na faina de abrir praças, de alargar ruas, segundo os planos que o Bouvard aprovou por cem mil francos. A maior avenida projetada, investida contra o Largo Paesandeu, daria em terra com a melhor metade do Paradis, na esquina da rua D. João. Ora, isso não convinha, por forma alguma, a Madame Pommery. Sendo apenas inquilina e não proprietária do prédio, não podia esperar o menor lucro na desapropriação, mas só prejuízos e contrariedades. (TÁCITO, 1998, p. 103).

O projeto de redefinição político-social do país nesse período, como o abolicionismo e o republicanismo, baseava-se nas noções de progresso, evolução, modernização, higienização e "darwinismo social". Houve, no período, um avanço do prestígio do discurso médico-científico, o qual pregava a disciplinarização e a higienização dos corpos. Tinha-se como principais medidas a marginalização do saber curativo popular, de modo que os curandeiros não puderam mais exercer suas funções. A questão da higienização se dava por meio da disciplinarização dos corpos e dos costumes dos pobres, já que, para esse saber científico, pobreza era sinônimo de sujeira. Esse controle higiênico sobre os setores populares tinha como missão "civilizar" a população tida como rude e selvagem e prevenir as epidemias de varíola.

Esse processo de grandes transformações nos costumes e na infraestrutura e organização do país se dava muito também por conta das teorias eugenistas que defendiam o embranquecimento e a disciplinarização da sociedade brasileira para o fortalecimento da raça, como afirma a historiadora Margareth Rago:

[..] as elites brasileiras pelas teorias eugenistas que se formularam na Europa e nos Estados Unidos, preocupavam-se com a formação do 'novo trabalhador brasileiro', cidadão da pátria, disciplinado e produtivo – e, evidentemente, dedicavam muitas horas 'ao embranquecimento e fortalecimento da raça'. Muitos esforços foram feitos para que os imigrantes viessem predominantemente dos países europeus, e 'não da Ásia, nem da África', conforme afirmavam os defensores dessa tese. (RAGO, 1997, p. 583).

Como parte das mudanças dos costumes no período, as missas foram substituídas, como elemento de lazer, pelos teatros, cafés, bares, lojas. Já os café-concertos atraíam grande público, sendo um misto de bordel, circo, teatro e vitrine de novidades, assim como as sessões de cinematógrafos de filmes do gênero livre. Tinha-se uma liberalização dos costumes e do vestuário, principalmente femininos, e uma febre de consumo. As pessoas se esforçavam para consumir os produtos vindos da Europa e também para participar da vida noturna das cidades, sendo um elemento importante dessa noite paulista a prostituição de luxo.

Como o período da *Belle Époque* se tratava muito de uma admiração à França, por conta de seus hábitos serem tidos como sofisticados, intelectuais e cosmopolitas, as práticas e o pensamento francês eram imitados pela elite brasileira. A prostituição não escapou

desses ideais “afrancesados”, principalmente a prostituição de luxo que se difundiu a partir disso, por isso até mesmo mulheres de outras nacionalidades europeias, que estavam sendo prostituídas no Brasil, fingiam ser francesas, por conta do prestígio social destas.

Tráfico das “Polacas” para o Brasil

No fim do século XIX no Brasil, a mulher negra perde seu espaço como símbolo de sexualidade para as estrangeiras prostituídas. Essas estrangeiras de regiões miseráveis do leste europeu eram traficadas para o Novo Mundo, iludidas com promessas de casamento, de melhores empregos, de melhorias de vida ou de “fazer a América”. Para se ter uma ideia da grandiosidade dos números e do sigilo destes, segundo Margareth Rago:

É praticamente impossível estimar a quantidade de prostitutas que vieram traficadas da Europa, principalmente das aldeias da Polônia, Rússia, Áustria, Hungria e Romênia para a América do Sul. Também dificilmente saberemos quantas vieram por vontade própria, ou iludidas com promessas de casamento e perspectivas estimulantes de enriquecimento. (RAGO, 1991, p. 250).

A maioria dessas moças eram judias, como nossa personagem Madame Pommery, filha de “um polaco israelita de nome Ivan Pomerikowsky” (TÁCITO, 1998, p. 29), que estavam fugindo da pobreza de suas aldeias, causada pela desagregação das comunidades camponesas com o avanço do sistema capitalista no continente europeu, através da mecanização e da urbanização aceleradas que geravam um alto nível de desemprego. Fugiam também das perseguições étnico-religiosas, como os pogroms, que eram atos em massa de violência, premeditada ou espontânea, contra judeus, protestantes, eslavos e outras minorias étnicas da Europa. Essas perseguições levaram à expulsão dos judeus do Leste Europeu dos anos de 1880 a 1914 através das chamadas “Leis de Maio”. Os judeus eram culpados de tudo que acontecia de ruim em suas localidades e isso gerou o maior êxodo judeu desde a Inquisição, e uma grande leva veio se refugiar no Brasil. Essas mulheres fugiam do analfabetismo também, já que em suas comunidades o ensino era religioso, pago e destinado somente aos homens; dentre outros fatores de exclusão social. Então elas viam

na figura daquele homem, que vinha com propostas de casamento, já que muitas não conseguiam casar por não ter como dar o dote para a família do noivo, e de enriquecimento, uma grande chance de mudar a sua vida e a de sua família. Porém, esse bom homem na verdade era um cafetão que as seduzia e iludia nas suas aldeias. Quando elas chegavam à América, se deparavam com uma realidade bem diversa da sonhada, eram exploradas sexualmente e privadas de liberdade. Essas mulheres eram ameaçadas de deportação, submetidas à servidão por dívidas e isoladas de qualquer contato fora do ciclo de exploração.

Nos casos em que os rufiões não iam fazer suas promessas em aldeias para as famílias das vítimas, eles iam às portas de fábricas, de escritórios, de hospitais, em estações ferroviárias, em portos e iludiam essas mulheres com maravilhosas propostas de emprego, sendo esse método mais usado na França do que no Leste europeu.

É importante salientar que uma parte dessas estrangeiras que vinham para a América do Sul já eram prostituídas em suas localidades e vieram com o sonho de “fazer a América”, ou seja, com o intuito de enriquecer, de melhorar sua condição de vida. Porém, mesmo essas mulheres que migravam para exercer a prostituição eram submetidas à coerção moral e física. Madame Pommery fazia parte desse grupo, como é expresso no romance:

Parece que este Mr.Defer lhe tinha insuflado pensamentos aventurosos e ambições de rápida fortuna, pintando-lhe as paragens meridionais do Novo Mundo tal qual o País de Cocagne fabuloso, onde o ouro e as pedras preciosas são em tanta abundancia como as araras, os papagaios e os macacos. O fato é que Madame Pommery, repentinamente, assentou de se embarcar para as Américas. Encasquetou-se-lhe a idéia de ‘fazer América’. Só pensava na América. (TÁCITO,1998, p. 34, 35).

Porém, possivelmente, suas alunas eram traficadas e não vinham com o intuito de “fazer a América” como a mestre.

É importante salientar também que esse tráfico tem como elemento facilitador o cenário globalizante do período que gerava uma maior mobilidade das pessoas. O aumento desse tráfico está relacionado a questões, como a diversificação dos meios de transporte, o surgimento do telégrafo e do telefone.

A partir do que foi apresentado, percebe-se como a vinda dessas mulheres do leste europeu para o Brasil, não se tratava apenas de uma forma de migração irregular ou ilegal, mas sim de um cruel sistema

de tráfico de seres humanos, já que supre os requisitos centrais para se enquadrar como tráfico, os quais são a presença de engano, de coerção, de dívida e do propósito de exploração.

Zwi Migdal - A máfia judaica

A partir do fim do século XIX, o controle dos negócios da prostituição e/ou exploração sexual passou das madames e das prostitutas para os caftens e sindicatos do crime organizado. Esses crimes de tráfico e exploração sexual eram, na maioria dos casos, organizados pela máfia judaica, a ZwiMigdal, que viveu o seu auge em 1920. Esta organização criminosa era estabelecida em Buenos Aires, que era considerada como o mercado distribuidor sul-americano de "polacas", mas agia em dois continentes, primeiro recrutando moças pobres do leste europeu, depois as levando para a América do Sul para serem exploradas sexualmente. Muitos desses criminosos falsificavam seus documentos e os de suas vítimas para se movimentarem em territórios transnacionais. Porém, oficialmente, essa organização apresentava-se como uma entidade beneficente (*Associação de Socorros Mútuos Varsóvia*), ou seja, ela fazia obras aparentemente filantrópicas para disfarçar suas atividades ilegais. E, mesmo assim, sua filantropia só servia para eles mesmos, pois se dava através da construção de sinagogas e cemitérios, já que os judeus ortodoxos não permitiam a presença de "impuros" nesses locais. As "polacas" também criaram suas associações, cemitérios e sinagogas, como a *Associação Beneficente Funerária e Religiosa Israelita*.

Os cafetões e as "polacas" eram elementos indesejáveis não só pelos judeus ortodoxos, mas pelos imigrantes judeus comuns, por conta da dita "má impressão identitária" que eles provocavam, por causa da ligação direta entre judeus e negócios ilícitos que estavam no imaginário social, o que poderia afetar a aceitabilidade da sociedade quanto à entrada e permanência de judeus em seus países. Por conta disso, até hoje há uma marginalização dos "impuros" e de sua memória. Muitos historiadores que pesquisam essa temática são perseguidos por organizações ou por famílias judaicas ortodoxas até os dias de hoje para a não divulgação desses fatos para a sociedade. A associação no período entre criminosos judeus e exploração sexual era tão considerável que o

próprio termo cafetão vem da palavra "caftã", que designa um tipo de robe tradicional dos judeus ortodoxos do leste europeu.

Após o desembarque dessas mulheres, os cafetões promoviam leilões, exibindo-as nuas em estabelecimentos comerciais próprios, para donos de bordéis e demais interessados. Os cafetões tratavam o tráfico e a exploração sexual como um negócio como outro qualquer, mas as mulheres eram expostas como se fossem mercadorias, negando qualquer dimensão de humanidade a elas.

Em 1930, a partir de denúncias de Raquel Liberman, uma judia explorada sexualmente pela Zwi Migdal, a organização foi desmantelada e 108 de seus membros foram presos na Argentina.

Prostituição de Luxo

A prostituição é um sistema antigo e quase universal, organizado de maneira diferente e diversamente considerado, com diferentes *status* e hierarquias internas, dependendo da sociedade em que está inserido e principalmente do valor que o ser feminino tem nessa sociedade. A reprovação da sociedade é bastante diversa. Depende do valor dado à virgindade e da importância atribuída à sexualidade. Portanto não existe só um modelo de exploração sexual e, por consequência, não apenas o chamado "baixo meretrício", mas também a prostituição voltada para as elites. Sobre essa forma de prostituição, Perrot afirma:

Mundo em expansão, a prostituição diversifica sua oferta. As casas de rendez-vous, mais refinadas, distinguem-se dos prostíbulos sórdidos, onde as mulheres emendam coitos de cinco minutos [...] No terço final do século XVIII, o 'tráfico de escravas brancas' amplia o mercado; das zonas pobres da Europa central, mulheres polonesas e provenientes dos guetos são levadas para as zonas boêmias das cidades sul-americanas. (PERROT, 2007, p.79).

A prostituição de luxo se firmou nesse período no Brasil a partir da exploração sexual das mulheres europeias, por conta dos clientes quererem estar num ambiente em que se respirava o cosmopolitismo, os ideais europeus de modo de vida moderno. Isso se dava principalmente em relação à França que era o país europeu mais admirado nesse período da *Belle Époque*. O romance demonstra essa relação entre os bordéis e o afrancesamento da sociedade por conta das conversas nesses ambientes que eram sempre intercaladas com expressões

francesas ou até mesmo com longos períodos em francês, o que mostra também que o autor possuía domínio da língua, como pode se observar na seguinte conversa:

Viva! Bravo! À boire!
LIA
Ah, voicimon omelete. Jevaispouvoirrespirerenfin. – (À Nenea)
– C'est que c'est rasante cesmessieuravecleurgalimatias: aussi, j'aimemieuxmanger que lês écouter. (TÁCITO, 1998, p. 93).

A prostituição de luxo se dava em estabelecimentos diferentes de um bordel comum. Nesses ambientes, essas europeias eram exibidas de forma luxuosa para esses clientes ricos, como fica claro no seguinte trecho do romance, o qual retrata como essas mulheres eram tratadas como mercadorias e não como seres humanos:

Além disso os espetáculos do Casino eram todas as noites uma feira excelente para se exibir aos consumidores aquela mercadoria de luxo, estadeada pelas frisas e camarotes, com provocante ostentação de corpos lascivos e amostras deliciosas da nudez. Era ali, como no Politeama em decadência, o campo de batalha das mundanas, onde lutavam e se batiam com encantos e requebros com brilhos e joias e louçanias de vestidos pela conquista dos inermes coronéis. Lá se negociavam noitadas, as pagodeiras, quase sempre, tinham ali o seu princípio. (TÁCITO, 1998, p. 61, 62).

O desenvolvimento dessa prostituição de luxo e sua consequente lucratividade está intrinsecamente ligada ao imaginário social relacionado às “polacas”, como afirma Margareth Rago:

A atração pela ‘polaca’, seja ela associada às polonesas, austríacas, russas ou judias fundou-se na constituição de um imaginário voltado para a idealização das regiões distantes povoadas por raças diferentes, onde ocorriam histórias fantásticas de nobres, num país onde até em tão grande parte das prostitutas provinha dos contingentes de escravas e ex-escravas negras, principalmente no Rio de Janeiro. Mulheres loiras, ruivas, claras, delicadas, de olhos verdes ou azuis tornavam-se mais misteriosas e inatingíveis para uma clientela masculina seduzida pelos mistérios fantásticos da vida moderna e impulsionada pelo desejo de desvendar física e simbolicamente os labirintos. (RAGO, 1991, p. 294).

Porém esse imaginário social não nasce espontaneamente no seio da população, como afirma Bronislaw Baczko, que:

é significativo que as elites políticas se deem rapidamente conta do fato de o dispositivo simbólico ser um instrumento eficaz para influenciar e orientar a sensibilidade coletiva,

em suma para impressionar e eventualmente manipular as multidões (BACZKO, 1985, p.324).

Percebe-se, então, que essa idealização da cultura europeia, das mulheres oriundas da Europa, fazia parte de um modelo de ideais científicos e políticos do período de branqueamento e de afrancesamento da sociedade brasileira.

Nesses bordéis luxuosos essas estrangeiras ensinavam para seus clientes regras sofisticadas de conduta, a partir de maneiras de socialização europeia, como Malta tenta retratar:

Ora por estes efeitos indiretos, o prestígio de Madame Pommery transcendeu desmesuradamente. Cursar o ParadisRetrouvé ficou sendo, no conceito geral da gente fina, um título de merecimento e remate indispensável de toda educação aprimorada. (TÁCITO, 1998, p. 131)

A sociedade dava a essas mulheres a função civilizadora das práticas sexuais ilícitas:

Os rapazes da melhor roda e de melhores roupas ostentavam com orgulho amostras de familiaridade com as alunas do Paradis, prestigiadas altamente pela taxa centesimal. Era o melhor meio de revelar hábitos de vida noturna fidalgos e invejáveis e, ao mesmo tempo, a certidão e prova de autenticidade daquele feitio paradisíaco de linguagem, de gestos e de vestuário que os sublimava e distinguia entre toda a sociedade. (TÁCITO, 1998, p. 117)

Como se vê, passa a se ter uma prostituição de luxo, voltada para os setores abastados da sociedade, e o que antes era feito às escondidas, nesse período, era ostentado como símbolo de civilidade, de aprimoramento europeu; da civilidade agrária colonial passou-se a civilidade urbana moderna.

Combate ao Lenocínio

No fim do século XIX e início do XX, houve uma onda de moralização e higienização no Brasil com o intuito de remodelar as cidades na intenção de afastar e esconder a miséria da sua sociedade. Essa moralização era especialmente destinada às práticas sexuais, à prostituição tanto do baixo meretrício como à de luxo, como Malta retrata no romance:

Alguns jornais tomaram-se de susto pelo atrevimento do mundanismo. Sugeriram à polícia processos coercitivos

que arredassem as transviadas de toda sorte de reuniões, espetáculos e bailes permitidos à Família. A polícia encheu-se de zelo pela moralização e saneamento dos costumes, e conquistou aplausos calorosos da imprensa conservadora e da honesta burguesia. (TÁCITO, 1998, p. 121)

Em vários países começou a surgir, nesse período, associações para proteção dessas mulheres prostituídas e para o combate do tráfico de pessoas, como a *Associação das Mulheres Judias*, fundada em 1915, no Rio de Janeiro.

O lenocínio era tido como um crime grave, sendo reprimido pela Secretaria de Segurança Pública e também pela Polícia do Porto. Mas muitas mulheres traficadas e cafetões eram proibidos de desembarcar no país. Porém, muitas vezes, esses traficantes tinham sua entrada facilitada, em locais de expansão da indústria do sexo, por policiais corruptos que aceitavam propina.

Para a maioria da população, a lei tem poder não apenas simbólico, mas coator, impedindo que infrações sejam cometidas. Em relação à violência contra a mulher, tem-se muitos avanços legislativos de proteção a estas, por conta de muita luta do movimento feminista mundo a fora. E no Brasil não foi diferente, o Código Penal de 1890 já tipificava, em seu artigo 278, o crime de

induzir mulheres, quer abusando da sua fraqueza ou miséria quer constringendo-as por intimidações ou ameaças, a empregarem-se no tráfico da prostituição; prestar-lhes por conta própria ou de outrem, sob sua ou alheia responsabilidade, assistência, habitação e auxílios, para auferir directa ou indirectamente, lucros desta especulação (BRASIL, 1890).

Porém, como se pode observar no livro de Hilário Tacito, a Madame Pommery, representante da prostituição de luxo, não sofre constrangimentos com a polícia por sua condição de cafetina, o que já era considerado um crime pelo Código Penal brasileiro no período. Isso ocorria por dois motivos: sua origem europeia, o que lhe dava prestígio nesse período da *Belle Époque*, e sua ligação tão próxima a autoridades da região, o que ocorria também na vida real com os cafetões ricos e poderosos do período.

Mundialmente, esse combate teve um primeiro avanço muito importante em 1904 com o Tratado Internacional para Eliminação do Tráfico de Escravas Brancas. Este documento traçou como objetivos para os governos participantes, sendo o Brasil um deles, a vigilância

internacional, a extradição de culpados e a repatriação das vítimas. Atualmente a definição de tráfico de pessoas mais recente e aceita está disposta no Protocolo Adicional à Convenção da ONU, mais conhecido como *Protocolo de Palermo*, principal documento internacional em relação ao tráfico internacional de mulheres, sendo o tráfico de pessoas definido no artigo terceiro:

A expressão 'tráfico de pessoas' significa o recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou acolhimento de pessoas, recorrendo à ameaça ou uso de força ou outras formas de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou à situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tenha autoridade sobre outra, para fins de exploração. Exploração inclui, no mínimo, a exploração da prostituição ou outras formas de exploração sexual, trabalhos ou serviços forçados, escravidão ou práticas análogas à escravidão, servidão ou remoção de órgãos (BRASIL, 2004)

O tráfico de pessoas pode ser reportado aos impérios grego e romano no qual se utilizava prisioneiros de guerra como mão de obra escrava, depois se tem o tráfico de africanos para regimes de escravidão, que acaba no século XIX nas Américas, e então inicia-se o tráfico das chamadas "escravas brancas" da Europa para a América do Sul e hoje se tem o tráfico de crianças, o tráfico para remoção de órgãos e para trabalho escravo ou análogo à escravidão por todo o mundo. Portanto, a necessidade da existência e de aprimoramento desses protocolos atualmente mostra como essas formas de exploração econômica de seus iguais, transformando-os em objetos de lucro, ainda se fazem presentes hoje. Reforça também a necessidade da ação conjunta dos inúmeros países que acabam participando da execução do tráfico de pessoas, sejam aqueles de onde se originam as vítimas, sejam aqueles intermediários para a ação final, ou o país de onde surgiu a demanda.

Considerações Finais

Entende-se, então, a partir do que foi expresso, que o tráfico e a exploração sexual das "polacas" no Brasil no fim do século XIX e início do XX tinha a ver com uma organização criminosa que atuava em âmbito internacional e que o Brasil era uma das linhas de ligação desse emaranhado de relações criminosas no mundo. Esse quadro da

prostituição europeia vinha associado no Brasil às novas práticas, a uma nova visão de mundo por parte de alguns setores da elite, ao pensamento científico eugenista. Tinha-se, no período, o gosto, a admiração pelo europeu, como elemento de uma cultura dita superior. Principalmente em relação à França, que era símbolo de sofisticação, elegância e cosmopolitismo, por isso o tráfico e a exploração sexual dessas mulheres era algo tão lucrativo para os criminosos.

O tráfico de mulheres é a espécie de tráfico de pessoas mais praticada no mundo, sendo entendido como uma violação aos direitos humanos por rebaixar suas vítimas a meros objetos de lucro e prazer, violando sua dignidade humana. É importante salientar que nesse período e ainda hoje a exploração sexual das mulheres é uma expressão clara do patriarcalismo ainda presente na sociedade e que traz muito lucro para os defensores e participantes ativos da dominação masculina em detrimento da vida destas mulheres que eram e ainda são coisificadas, destituídas de humanidade, exploradas ao máximo, como afirma Carole Pateman:

[...] há um enorme e milionário comércio de corpos femininos. A prostituição é parte integrante do capitalismo. Não se colocam mais as esposas em um leilão público [...] mas os homens podem comprar o acesso sexual aos corpos das mulheres no mercado capitalista. O direito patriarcal está claramente corporificado na liberdade de fazer contratos. (PATEMAN, 1993, p.279).

Infelizmente, essa superexploração do corpo feminino e desqualificação das mulheres permanece pelo mundo afora, sendo isso fruto de ideais sexistas, machistas e patriarcais que inferiorizam e em última instância desumanizam as mulheres. Portanto, ainda se faz extremamente necessária a luta contra o machismo e as diversas formas de exploração dos seres humanos, não se pode continuar convivendo com estas questões de forma branda ou como se elas não existissem, pois na verdade elas existem e causam preconceitos, traumas e mortes.

Referências

BACZKO, Bronislaw. A Imaginação Social. In: LEACH, Edmund et Alii. **Anthropos-Homem**. Lisboa: Imprensa Nacioanal/Casa da Moeda, 1985.

BOAINAIN, Regiane Magalhães. **Madame Pommery: na multiplicidade de**

vozes, a tradição reinventada. São Paulo: PUC, 2008. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) - Programa de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.

BRASIL. **Decreto nº 5. 017, de 12 de março de 2004.** Promulga o Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional Relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em Especial Mulheres e Crianças.

BRASIL. **Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890.** Promulga o Código Penal dos Estados Unidos do Brasil.

DINIZ, Maria Ilidiana; QUEIROZ, Fernanda Marques de. A relação entre gênero, sexualidade e prostituição. **Divers@ Revista Eletrônica Interdisciplinar.** Matinhos, n. 0, v. 1, p. 2 – 16, jan/jun. 2008.

FROTA, Helena; NOTTINGHAM, Priscila. O Brasil na Rota do Tráfico de Escravas Brancas: Entre a Prostituição Voluntária e a Exploração de mulheres na Belle Époque. **SINAIS– Revista Eletrônica.** Ciências Sociais. Vitória, v 11, n.11, junho. 2012.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual.** Tradução: Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** Tradução: Ana M. S. Corrêa. Prefácio: Carla Pinski. São Paulo: Contexto, 2007.

RAGO, Luzia Margareth. **Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar: Brasil (1890 – 1930).** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAGO, Luzia Margareth. **Os Prazeres da Noite: Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo: (1890 – 1930).** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RAGO, Luzia Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del(Org.). **História das mulheres no Brasil** 2.ed.- São Paulo: Contexto, 1997.

RIBEIRO, Luis Filipe. **Geometrias do Imaginário: Literatura e História: uma relação muito suspeita.** Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 2000.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil** 2.ed.- São Paulo: Contexto, 1997.

TÁCITO, Hilário. **Madame Pommery.** São Paulo: Ática, 1998.

Recebido em: 20 de set. de 2015.

Aceito em: 08 de nov. de 2015.